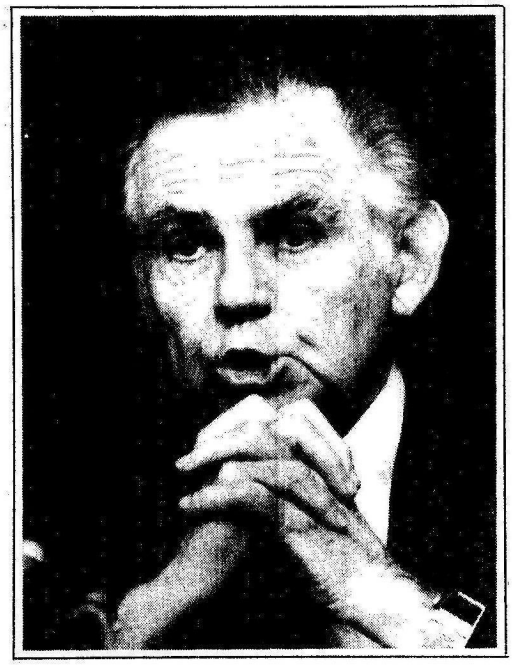
DÍVIDA EXTERNA

Brasil adverte que austeridade ameaça democracia

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — "Não temos ilusões. Sabemos que não estamos seguindo um caminho viável a longo prazo. Ninguém poderá negar que uma austeridade prolongada gera instabilidade, solapa as instituições democráticas, conduz à radicalização política e a regimes autoritários". A afirmação é do Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Sérgio Corrêa da Costa, em palestra promovida pelo Chase Manhatan Bank.

O embaixador anunciou que o Eximbank vai liberar, no dia 25, em Washington, a linha de garantia de crédito de US$ 1,5 bilhão, negociada no início deste ano, para a importação de produtos americanos pelo Brasil. Cento e oito bancos se ofereceram para participar deste crédito, com um total de US$ 6 bilhões, mas depois este montante foi reduzido para US$ 1,5 bilhão, maior linha de garantia já concedida pelo Eximbank. Por esta operação, os bancos privados emprestam o dinheiro ao País e, em caso de não pagamento, o Eximbank salda o crédito.



> *"A opção por uma abordagem técnica ou política para o problema de endividamento envolve, no fundo, um falso dilema. O simples fato de os devedores serem Estados soberanos confere ao problema substância política"*
>
> SÉRGIO CORRÊA DA COSTA, Embaixador do Brasil nos EUA

O embaixador pediu também a renegociação política da dívida externa e ressaltou que a situação brasileira melhorou, com o saldo de US$ 6,2 bilhões na balança comercial, no primeiro semestre, e com a redução, de US$ 5,5 bilhões para US$ 5 bilhões, na previsão do déficit da conta-corrente para este ano. Mas admitiu que "persiste o problema exasperante da inflação, que continua combatida em todas as frentes, mas com resultados ainda decepcionantes". Corrêa da Costa criticou as prescrições do Fundo Monetário Internacional (FMI), que, a seu ver, poderão agravar a instabilidade do processo político brasileiro.

Em seguida, o embaixador condenou a elevação dos juros, que resultou na transferência de capital de US$ 21 bilhões dos países do Terceiro Mundo para os industrializados em 83. Ele espera que o Consenso de Cartagena — documento final do encontro de ministros latino-americanos naquela cidade colombiana — seja lembrado nas próximas negociações e falou sobre a carta que o Presidente Figueiredo enviou ao Presidente Ronald Reagan, sugerindo "uma reflexão conjunta sobre a questão da dívida em seus múltiplos aspectos e conseqüências".

Sobre a fórmula proposta pelo Ministro do Planejamento, Delfim Netto, de realizar, através do Banco Mundial, todas as operações para a obtenção de novos recursos externos em 85, comentou:

Corrêa da Costa atacou, finalmente, a política protecionista dos Estados Unidos, considerando "extremamente negativa" a decisão da Comissão de Comércio Internacional de sugerir ao Presidente Reagan a imposição de sobretaxas e tarifas compensatórias ao aço brasileiro.

Os banqueiros americanos consideram o discurso do embaixador "duro, mas honesto e realista".